

DAS ENGRENAGENS DA LEITURA E DO TEMPO EM CEM ANOS DE SOLIDÃO

OF THE MECHANISMS OF READING AND TIME IN ONE HUNDRED YEARS OF SOLITUDE

Luiza Helena Oliveira da Silva

UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS

Não havia mistério no coração de um Buendía que fosse impenetrável para ela, porque um século de cartas e de experiências lhe ensinara que a história da família era uma engrenagem de repetições irreparáveis, uma roda giratória que continuaria dando voltas até a eternidade, se não fosse pelo desgaste progressivo e irremediável do eixo.

Gabriel García Márquez, *Cem anos de solidão*

Resumo

Este trabalho apresenta uma leitura de *Cem Anos de Solidão*, do escritor colombiano Gabriel García Márquez, organizando-se sob a abordagem de dois aspectos. Num primeiro, privilegiamos o caráter mais propriamente textual e delineamos a compreensão de sua dimensão poética. Num segundo, discorremos sobre um dos episódios da narrativa: o que envolve o massacre dos trabalhadores em greve contra a Companhia Bananeira. A esse propósito, interessou-nos a circularidade da narrativa, mas também a da história mesma, assim como os mecanismos que incidem sobre a memória e o esquecimento, tanto no romance, quanto na história da América Latina. Como subsídio teórico, mobilizamos principalmente a semiótica discursiva.

Palavras-chave: esquecimento; memória; literatura; semiótica.

Resumen

Este trabajo presenta una lectura de *Cien Años de Soledad*, del escritor colombiano Gabriel García Márquez, organizándose bajo el abordaje de dos aspectos. En un primer punto, privilegiamos el carácter más propiamente textual y delineamos la comprensión de su dimensión poética. En un punto siguiente, discutimos sobre uno de los episodios de la narrativa: lo que implica el masacre de los trabajadores en huelga contra la Compañía Bananera. A este propósito, nos interesa la circularidad de la narrativa, pero también la de la historia misma, así como los mecanismos que inciden en la memoria y el olvido, tanto en la novela,

como enla historia de América Latina. Como subsidio teórico, movilizamos principalmente la semiótica discursiva.

Palabras clave: olvido; memoria; literatura; semiótica.

Abstract

This paper presents a reading of *One Hundred Years of Solitude*, by the colombian writer Gabriel García Márquez, organized under the approach of two aspects. In the first aspect, we privilege the more properly textual character and delineate the understanding of its poetic dimension. In a second aspect, we discuss one of the episodes of the narrative : what involves the massacre of workers on strike against the Banana Company. In this regard, we were interested in the circularity of the narrative, but also in the history itself, as well as the mechanisms that influence the memory and forgetfulness, both in the novel as in the history of Latin America. As theoretical subsidy, we mainly mobilize the discursive semiotics.

Keywords: forgetfulness; memory; literature; semiotics.

Introdução

Uma primeira versão deste texto foi organizado para um evento na Universidade Federal do Tocantins, *campus* de Araguaína¹, em comemoração ao romance *Cem anos de Solidão*, de Gabriel García Márquez, em 2017. O convite que nos foi feito pelo então organizador, Dr. Dernival Venâncio Ramos Júnior, solicitava-nos que privilegiássemos nossas experiências com a leitura, nossas impressões: o que o livro suscitou em nós? O que fizemos da vida de leitores depois desse encontro, desse acidente feliz (GREIMAS, 2002)? Mantivemos aqui o caráter impressionista dessas leituras (são ao menos duas: as que fizemos seguindo a regularidade das páginas, as outras que refizemos pela memória ao longo da vida), o que faz com que nos afastemos do tom mais acadêmico tradicional. Relemos, então, o texto, redescobrimo-o, ainda que sua narrativa nos acompanhasse por algumas décadas, enquanto buscávamos seguir o mais fielmente possível à provocação. Para o dossiê, contudo, pretendemos negociar entre o subjetivismo da relação de ordem mais sensível e a objetividade da nova produção, em nome da proposta mais acadêmica e limitada pelo gênero.

No momento dessa retomada da escrita, ocorre-nos passagens de *Se um viajante numa noite de inverno*, de Ítalo Calvino. Dois leitores se deparam com o mistério de um livro cuja edição traz por um erro a intromissão de um segundo, supostamente de um autor desconhecido, que escrevera em língua morta, o cimério. Outros fragmentos de novos romances se insurgem e esses leitores vão à busca de sua continuidade, desejos de poder seguir na leitura. Para Limária, a acadêmica, interessa discutir, categorizar, repartindo o volume em pedaços, a fim de produzir a competente reflexão nos devidos moldes privilegiados pela universidade, conforme insinua

1 Cidade situada no norte do Estado do Tocantins, na região que compreende a Amazônia Legal.

a ironia de Calvino. Para os leitores interessados na continuidade dos romances embaralhados, Lotária e seu companheiro de aventura literária, interessa a leitura mesma: “... dando as costas às páginas dilaceradas pelas análises intelectuais, sonha encontrar uma condição de leitura natural, inocente, primitiva” (CALVINO, 1986, p. 88). Transcrevemos algumas das passagens que marcam o debate entre os personagens em suas distintas perspectivas sobre as edições comprometidas:

- Eu não pretendia discutir; pretendia ler.
- Escute, há vários grupos de estudo, a biblioteca do Instituto Hérulo-Altaico só dispunha de um exemplar, então nós resolvemos dividi-lo, foi uma partilha um pouco difícil, o livro foi partido em pedaços, mas acredito que fiquei com o melhor. (CALVINO, 1986, p. 87)

Há uma linha que separa, de um lado, os que fazem livros, de outro, os que os leem. Quero continuar a fazer parte daqueles que leem, e por isso presto muita atenção para me manter sempre deste lado da linha. Senão, o prazer desinteressado de ler já não existe, ou se transforma em outra coisa, que é o que eu não quero. É uma fronteira imprecisa, que tende a desaparecer: o mundo daqueles que têm relação profissional com os livros está cada vez mais povoado, e tende a se identificar com o mundo dos leitores. (CALVINO, 1986, p. 89)

Verdadeiros leitores, encontro-os cada vez menos. (CALVINO, 1986, p. 92)

Encontramo-nos no meio do caminho entre a leitura que fazemos por puro desejo do reencontro com o romance fundador de García Márquez e o que nos é possível saber falar dele, temendo perder nessa tentativa o melhor e já sabendo de antemão ser impossível dar conta de qualquer totalidade. Que reflexão teórica ou nem tão teórica assim poderia iluminar novas leituras desse texto? De um lado, temos um modo de produção de sentido ou ao menos de produção de análise seguindo os moldes da semiótica discursiva, que se vale do estabelecimento de descontinuidades: “cercar uma zona, somar um lugar, ou seja, negar o que não é esse lugar” (GREIMAS e FONTANILLE, 1993, p. 38) ou ainda perseguindo isotopias, mediante os recortes, relações que estabelecemos com elementos do texto fundando percursos que elaboramos em busca da produção do sentido (BERTRAND, 2003). De outro, há a sedução do texto, surrupiando-nos o desejo de qualquer parada, para apenas deixar-nos guiar pela narrativa mesma. O texto então nos envolve como vaga na praia, como se não houvesse começo nem fim, apenas o sujeito desejoso do exercício ancestral de escuta, o puro verbo que cria mundos. Como há um prazer em partilhar o que se leu, para somar-se a outras vozes, persistimos em nosso precário recorte. Num primeiro momento, abordamos o caráter poético do texto; num segundo, o caráter circular da narrativa. É então que fazemos uma digressão para pensar uma outra circularidade: a da história da América Latina.

1 Da poesia

A primeira vez que li *Cem anos de solidão* tinha ainda 19 anos. Quase quatro décadas depois, refaço o caminho da leitura, como quem dá voltas no relógio do tempo para reencontrar ecos do primeiro assomo. Carreguei vida afora o que retive desse momento, lendo na visão de

velhos sentados em suas cadeiras de macarrão nas calçadas de Araguaína a figura do primeiro José Arcádio definhando sob chuva e sob o sol. Ou observando que essa mesma cidade se transmuta em Macondo quando os objetos ganham a crosta do mofo depois do tempo das chuvas, esperando possíveis peixes adentrando pela janela como se estivéssemos todos num grande aquário.

Não posso saber dos sentidos primeiros daquela leitura inaugural porque já sou um outro sujeito que sabe do que sentiu apenas pelos escombros da memória, mas sei que seguem comigo imagens da narrativa do mesmo modo como borboletas amarelas acompanhavam os personagens de triste sina. Como diria Ricardo Piglia, em *O último leitor*, “Às vezes os leitores vivem num mundo paralelo e às vezes imaginam que esse mundo entra na realidade” (PIGLIA, p. 12). Ao tratar da réplica da cidade de Buenos Aires, da qual seu construtor incansável acredita depender a própria existência da cidade real, escreve:

A cidade que se refere, portanto, à réplicas e representações, à leitura e à percepção solitária, à presença do que se perdeu. Sem sombra de dúvida se refere ao modo de tornar visível o invisível e de fixar as imagens nítidas que já não vemos, mas que continuam existindo como fantasmas e que vivem em nós. (PIGLIA, 2006, p. 13)

A intrincada maquete é a representação da cidade, mas seu incansável arquiteto acredita que essa que cria, acompanhando o ritmo da Buenos Aires, é de fato a verdadeira, o que serve a Piglia de mote para discutir a relação entre literatura e realidade. Qual das cidades é, afinal, a mais verdadeira? É nisso também que penso quando me ponho a questionar: seria essa dos fantasmas de Macondo que carrego comigo desde a primeira leitura ou a Araguaína na qual perambulo? Aquela cuja surpresa da descoberta num texto se marca ainda em mim como enigma, ou esta na qual vivo e que também me surpreende porque nela encontro a minha Macondo com seus excessos de calor e de chuva, de desalento e mistério?

Sei que parte do que me tornei se deu pelos efeitos da leitura de Gabriel García Márquez e o mundo que me relevava, não tanto porque me surpreendesse a sucessão de acontecimentos inusitados em Macondo, mas porque me mostrava o que a literatura podia fazer. Os heróis das narrativas de García Márquez enfrentavam o mesmo calor e os mesmos aguaceiros que eu, também havia amendoeiras empoeiradas no quintal de minha casa, mas encontrava em seus romances sobretudo um ritmo, um modo de narrar, uma linguagem de encantação.

Em entrevista a Pablo Neruda², então residindo na Catalunha, o entrevistador Gabriel García Márquez parte de reflexões sobre sua própria escrita para indagar o poeta. Buscando desvelar o fazer do amigo, conta de si mesmo, de sua experiência de escrita. Entre as preciosidades do que declara, o escritor colombiano fala que tem como aspiração para seu trabalho “encontrar mais as soluções poéticas do que soluções propriamente narrativas”, numa “tendência de ir convertendo o relato, a novela, em poesia”.

2 Cf. vídeo disponível em: <http://www.revistaprosaversocarte.com/pablo-neruda-entrevistado-por-gabriel-garcia-marquez/>. Acesso em 05 nov. 2017.

Cem anos de solidão é uma longa e acelerada narrativa, com períodos que se alongam a ponto de tirar o fôlego dos olhos à procura do desfecho da frase ou da ordem dos acontecimentos, mas também à espera da inesperada solução poética. O que está para advir jamais é o esperado, mas a preciosidade não está na resolução da intrincada trama, mas na construção na linguagem, no modo de narrar o imprevisível, nas escolhas lexicais, na sua combinação.

Toda rotina é breve e toda descrição apenas serve para acentuar os desesperos da alma dos personagens ou as desesperanças do lugar. Como repete a matriarca Úrsula, todos os Buendía são loucos, e a novela traz então os desvarios que se sucedem numa linguagem também de exceção, como se fosse uma escrita em melodia de tango, uma extensidade entrecortada de enormes picos de intensidade para o desespero dos personagens ou a loucura do leitor. Talvez pudesse traduzir essa perspectiva me valendo da figura do abismo, como a descreve Eric Landowski (2015), ao tratar dos “regimes de espaço”:

À frente, “sempre recomeçado”, o mar. O horizonte. E atrás, como um rumor confuso, todo um continente. – Ao contrário do mundo bem circunscrito e saturado do passeador do domingo ou do relojoeiro, um universo sem limite, e quase vazio. Um vazio que, não sendo o de distâncias a percorrer para chegar à destinação (como o será para o mensageiro ou o comerciante), impõe-se como a mais paradoxal das presenças. Uma presença por definição irrepresentável. E, no entanto, Turner, os rolos chineses, ou, de Caspar David Friedrich, *O Caminhante sobre o mar de névoa*. (LANDOWSKI, 2015, p. 11)

Conforme Landowski, o abismo é o irrepresentável, o horizonte, o rumor confuso, contraposto ao espaço previsível e saturado da sucessão de vitrines que seduzem o olhar do passeador de domingo. Se texto é, originalmente, tomando o sentido etimológico do termo, o tecido, que remete a um outro regime, o da “programação” (LANDOWSKI, 2014) e, portanto, à ordem máxima da previsibilidade, o texto poético se insurge como uma ruptura, como uma quebra, com a descontinuidade em seu nível máximo, abismal. Como jornalista, Márquez sabia a estratégia de surpreender o leitor, mesmo aquele que sabe de antemão o que está para ser noticiado, como diante de uma morte anunciada, dessas que vemos acontecer regularmente sobretudo no norte do Brasil com os líderes camponeses, freiras, padres, sindicalistas. Mas encontra na literatura o lugar que a isso se soma a poesia do dizer com a devida intromissão do fantástico.

Depois da experiência do abismo, não há como o sujeito leitor retornar a seu estado inicial; a alma está de todo contaminada pelos descaminhos da experiência.

Ter-se-ia dito que na cansada mansão dos Buendía havia paz e felicidade rotineira para muito tempo, se a intempestiva morte de Amaranta não tivesse promovido um novo escândalo. Foi um acontecimento inesperado. (...) Tinha chegado à velhice com todas as saudades vivas. (...) Às vezes lhe doía ter deixado com a sua passagem aquele riacho de miséria e às vezes sentia tanta raiva que espetava os dedos nas agulhas, porém mais lhe doía e com mais raiva ficava e mais lhe amargava o fragrante e bichado goiabal de amor que ia arrastando até a morte. (MÁRQUEZ, 2003, p. 254)

Em termos semióticos, a narrativa, como buscamos exemplificar na passagem acima,

se organiza pela “sintaxe da concessão”:

A concessão é certamente um dos principais capítulos da semiótica do acontecimento, desde que a concebamos como produto das subvalências de andamento e de tonicidade quando atingem o paroxismo, ou seja, a desmedida. [...] O sucesso do pervir tranquiliza o sujeito pela convicção de que o mundo é justamente o “seu” mundo, onde têm lugar o cálculo e a previsão, enquanto a irrupção do sobrevir lhe faz lembrar que uma “inquietante estranheza” pode se manifestar, como um avesso que lhe pusesse à mostra. (ZILBERBERG, 2011, p. 242-243)

Haveria que se suceder X, se não... Sempre há em *Cem anos de solidão* um acontecimento a surpreender o sujeito que lê a narrativa da desmedida, ou a surpresa ante o modo de dizer o inesperado. Não há a tranquilidade da previsibilidade, nem terra firme, nem mundo seu. Sabemos pelo princípio do parágrafo – que só terminará páginas depois – que Amaranta morre, interrompendo um breve momento de tranquilidade na família. Sabíamos que bordava com esmeros sua mortalha e que sua morte se daria quando finalizasse o bordado, o que não torna o anúncio da morte uma surpresa. O acontecimento emerge em sua decisão de levar consigo no túmulo um baú de cartas para os mortos, o que fará com que a casa mais uma vez se torne apinhada de gente interessada em enviar seus recados para os que estão do outro lado. Para os Buendía, não é apenas a vida que é vivida sob a tônica do exagero da muita euforia ou da muita disforia, das paixões intensas à completa indiferença, como no caso de Amaranta, mas também a morte demanda exasperação.

Interessa ao enunciador, contudo, dar ainda conta de trazer ao leitor a experiência da amargura da personagem diante do fim da vida pelo modo com que se diz, culminando a percepção de sua desgraça na atonia com que viveu. E eis a metáfora precisa na evocação de um cheiro, uma imagem, um (des)gosto: “fragrante e bichado goiabal de amor que ia se arrastando até a morte”. O sublime está nessa crueza da linguagem que encontra modos de dizer o indizível: “ler é ir ao encontro de uma coisa que vai existir mas que ninguém ainda sabe o que será...” (CALVINO, 1986, p. 71).

Ao mesmo tempo em que se sucedem os inusitados e sucessivos acontecimentos, há a orientação do retorno, a repetição, o reencontro com as mesmas figuras e mesmas paixões, como na revisitação do mesmo destino, a circularidade, que acelera os acontecimentos e mostra ao mesmo tempo o “desgaste progressivo e irremediável do eixo”. Os nomes dos sujeitos se repetem e se embaralham, todos possuem a marca da mesma absurda solidão, todos estão presos a um já anunciado cantado pelos manuscritos de Melquíades e a narrativa dá voltas como no eixo do relógio até que esteja exaurida sua engrenagem, desaparecendo com a família Buendía a própria cidade e toda memória. “De tudo se sabe”, diria o penúltimo descendente, só bastando saber ler os pergaminhos. Pelos efeitos dos muitos retornos, pressentidos como desgraça por Úrsula, tudo se desgasta a ponto de tudo apagar-se como se não houvesse acontecido:

Macondo já era um pavoroso rodamoinho de poeira e escombros, centrifugado pela cólera do furacão bíblico, quando Aureliano pulou onze páginas para não perder tempo com fatos conhecidos demais e começou a decifrar o instante que estava

vivendo, decifrando-o à medida que o vivia, profetizando-se a si mesmo no ato de decifrar a última página dos pergaminhos, como se estivesse vendo a si mesmo num espelho falado. Então deu outro salto para se antecipar às predições e averiguar a data e as circunstâncias de sua morte. Entretanto, antes de chegar ao verso final, já tinha compreendido que não sairia nunca daquele quarto, pois estava previsto que a cidade dos espelhos (ou das miragens) seria arrasado pelo vento e desterrada da memória dos homens no instante em que Aureliano Babilônia acabasse de decifrar os pergaminhos e que tudo o que estava escrito neles era irrepitível desde sempre e por todo o sempre, porque as estirpes condenadas a cem anos de solidão não tinham uma segunda oportunidade sobre a terra. (MÁRQUEZ, 2003, p. 383)

O que lê o último Aureliano pulando páginas é a condenação de sua família, o destino bíblico e suas maldições. Ali reencontramos novamente a metáfora de Pigliaquando trata daréplica da cidade (2006), mobilizada para pensar a própria literatura em sua capacidade de espelhamento ou criação de miragens. Macondo é a Aracataca da infância de Márquez, mas também não a é. Encontramos na passagem acima esse Aureliano que resiste em seu quarto/caverna como um último leitor/escritor, tal como aquele desenhado por Kafka em suas anotações (*apud* PIGLIA, 2006, p. 42). A entrega ao texto é total. A lamparina não será jamais apagada ameaçando a interrupção. Ler é perder-se frente ao destino do texto, enquanto escrever é buscar resistir aos desafios do tempo, que apagam tudo, que condenam Babilônia ou Macondo à poeira e aos escombros, ainda que também as línguas morram, como o sânscrito em que Aureliano encontra sua história.

2 Mas

Na primeira vez que li *Cem anos de solidão* passei uma semana com a sensação de que meus pés não alcançavam o chão enquanto andava. Não me preocupava atestar a verdade do fenômeno da levitação, pondo nisso um reparo mais cuidadoso, mas gozar a experiência daquela sensação prazerosa cujos efeitos atribuí a aos desatinos do texto. Quando deixei de buscar compreender de que Aureliano, José Arcádio ou Remédios se falava, abrindo mão da organização genealógica, teria podido entrar numa outra ordem, não do surreal, mas da linguagem. A narrativa mágica tinha, então, mudado minha alma, transitoriamente no caso da levitação, mas para sempre no caso da experiência estética. O sujeito que parte da experiência breve do encontro estésico não é apenas um sujeito marcado pela nostalgia, à espera de um novo encontro inesperado com um objeto pregnante capaz de comovê-lo com uma surpreendente intensidade (GREIMAS, 2002); é sempre um outro sujeito que nasce a partir desse encontro. Nesse sentido, o texto literário nos transforma e a duração de seus efeitos perdura nas ressignificações da alma do leitor em suas experiências de relação com o texto e a linguagem.

Quando releio o romance sob a incumbência de falar agora sobre ele a acadêmicos, sou levada a decidir entre permanecer sob os efeitos da densa narrativa, entregue à ordem do

contínuo e ao indizível do sensível que novamente me subtrai, ou recortá-lo como bem cabe a uma semiótica, cercando uma zonamais ou menos segura. Como não posso subir aos céus como Remédios, a bela, e é tempo de luta, opto por incorporar o espírito do Coronel Aureliano em suas trinta e duas revoluções armadas e todas perdidas e tematizar a exploração dos trabalhadores e o massacre dos três mil operários pela Companhia Bananeira. É o recorte que neste momento me comove.

A questão aqui ainda é o tempo e as engrenagens da memória, considerando ainda outras engrenagens como a do poder. Tudo começa quando americanos veem o potencial econômico da exploração das bananas e para lá se mudam com suas edificações apartadas das demais moradoras, protegidas por cercas eletrificadas – denominadas pelo narrador como “galinheiros” – e guardas armados.

No vagão especial chegaram também, voejando em torno do Sr. Brown, os solenes advogados vestidos de negro e que em outra época tinham seguido por todas as partes o Coronel Aureliano Buendía, e isto fez o povo pensar que os agrônomos, hidrólogos, topógrafos e agrimensores, assim como Mr. Herbert com os seus balões de sondagem e as suas borboletas coloridas e o Sr. Brown com o seu mausoléu sobre rodas e os ferozes cães policiais, tinham alguma coisa a ver com a guerra. Não houve, entretanto, muito tempo para pensar no assunto, porque os desconfiados habitantes de Macondo mal começavam a se perguntar que diabo era o que estava acontecendo, quando já a aldeia se tinha transformado num acampamento de casas de madeira com tetos de zinco, povoado por forasteiros que chegavam de meio mundo no trem, não só nos estribos mas até no teto dos vagões. (MÁRQUEZ, 2003, p. 210)

“Olhem só a confusão em que nos metemos – costumava então dizer o Coronel Aureliano Buendía – só por termos convidado um americano para comer bananas” (MÁRQUEZ, 2003, p.211). Como é da ordem do excedente de sentidos, o acontecimento não pode ser interpretado a não ser posteriormente, como memória, conforme já discorremos num outro texto ao tratar do que a historiografia convencionou chamar de *Guerrilha do Araguaia* (SILVA, 2016). Para Zilberberg (2011) ou Greimas (2002), o dizer ante o acontecimento pode ser reduzido ao mínimo de uma exclamação, porque o sensível impacta e desestabiliza o inteligível e, conseqüentemente, a linguagem.

O acontecimento significa literalmente a negação do dizer, a negação do discurso. De acordo com um irrecusável lugar-comum, o acontecimento é antes de um tudo um *não-sei-quê* que deixa o sujeito “sem voz”, sem a *sua* voz. O sobrevir do acontecimento vem anular a própria textura do tempo, isto é, a “virtude” potencializante da temporalidade. [...] o acontecimento leva o sensível à incandescência e o inteligível à nulidade. (ZILBERBERG, 2011, p. 189-190)

Sem dar sentido às intensas, inesperadas e repentinas transformações do lugar, não conseguem compreender a violência aí implicada. Com a Companhia Bananeira e suas práticas de produção sob um modelo selvagem de capitalismo, começa a exploração da banana, mas também a dos trabalhadores, que serão então reduzidos à condição de escravos. Inicialmente, seguindo o tom irônico da narração, os trabalhadores que lutavam para garantia de seus direitos foram presos pela polícia, levados para a prisão da capital da província, mas liberados menos de três meses após porque nem governo nem os empresários queriam arcar com os

custos de alimentar o contingente na prisão.

A revolta dos trabalhadores se baseava desta vez na insalubridade das condições de trabalho. Afirmavam, além disso, que não eram pagos com dinheiro de verdade, e sim com vales que só serviam para comprar presunto de Virgínia nos armazéns da companhia. (...) Os operários da companhia estavam amontoados em barracos miseráveis. (MÁRQUEZ, 2003, p. 275)

Os trabalhadores enfrentam ainda constantes falcatruas dos advogados da empresa, com subterfúgios estratégica e sucessivamente elaborados que, por fim, num novo “delírio hermenêutico” (MÁRQUEZ, 2003, p. 276), apresentam um falso atestado de que o diretor da companhia, Mr. Brown, havia morrido por atropelamento, além do fato de que a empresa jamais havia contratado trabalhadores a não ser “ocasionalmente em caráter temporário” (MÁRQUEZ, 2003, p. 277). É quando tem início a greve que terminará em tragédia.

Inicialmente, chegam a Macondo três regimentos em “resfolegar de dragão multicéfalo” que marcham sobre a cidade, protegendo Mr. Brown e sua família no “galinheiro eletrificado” (MÁRQUEZ, 2003, p. 278). São esses soldados que “suportavam com igual imbecilidade o peso das mochilas e dos cantis, e a vergonha dos fuzis com as baionetas caladas, e a ferida da obediência cega e o sentido de honra” (MÁRQUEZ, 2003, p. 277). São esses mesmos soldados que farão o trabalho de enviar a produção das bananas nos trens, o que levará os grevistas a ações de motim, incendiando fazendas e armazéns, destruindo trilhos e cortando fios de telefone e telégrafo. Como sempre nas sociedades autoritárias, essa milícia se coloca contra o povo e não se abre a tentativas de conciliação. Protegem os estrangeiros e os interesses do capital, considerando que trabalhadores grevistas constituem “quadrilha de malfeitores”, o que “facultava ao exército o direito de matá-los a bala” (MÁRQUEZ, 2003, p. 279).

Diante da promessa de que o chefe civil e militar da província chegaria de trem para interceder no conflito, a multidão de grevistas se concentra na estação. Mesmo sob ameaça dos militares, a multidão resiste compacta, à espera. É quando irrompem as metralhadoras que fuzilam sem tréguas três mil trabalhadores, cujos corpos serão levados pelo trem e jogados ao mar.

O capitão deu a ordem de fogo e quatorze ninhos de metralhadoras responderam imediatamente. Mas tudo parecia uma farsa. Era como se as metralhadoras estivessem carregadas com fogos de artifício, porque se escutava o seu resfolegante matraquear e se viam as suas cusparadas incandescentes, mas não se percebia a mais leve reação, nem uma voz, nem sequer um suspiro entre a multidão compacta, que parecia petrificada por uma invulnerabilidade instantânea. De repente, de um lado da estação, um grito de morte quebrou o encantamento: “Aaaai, minha mãe!” (MÁRQUEZ, 2003, p. 280)

Frente ao inesperado, os trabalhadores se tornam massa estupefata, sem crer que pudessem vivenciar algo além de farsa: é demais, excessivo. O torpor se rompe com a exclamação de um sujeito na multidão, que traduz então, a reação primeira ao sobrevir do acontecimento: “Aaaai, mãe!” Como ocorre o extermínio, apenas José Arcádio Segundo, um dos líderes do levante, e um menino sobrevivem ao massacre e são capazes de narrar o que aconteceu. É justamente aí que nos interessa pensar as engrenagens da memória. Há um total

silenciamento em torno do massacre a ponto de que as duas testemunhas sejam consideradas dementes e se construa uma outra versão, uma outra memória. Impõe-se a versão oficial do governo, incansavelmente repetida, de que não havia mortos. Nessa narrativa oficial, os trabalhadores satisfeitos com o resultado das negociações teriam livremente retornado para suas casas, à espera das atividades da companhia a serem retomadas após as chuvas. Para total destruição da cidade e destruição da memória, as chuvas durariam ininterruptos quatro anos. A natureza colabora então para o apagamento do vivido.

Durante o dia, os militares andavam pelas torrentes das ruas, com as calças enroladas na metade da perna, brincando de naufrágio com as crianças. De noite, depois do toque de recolher, derrubavam as portas a coronhadas, arrancavam os suspeitos das camas e os levavam para uma viagem sem regresso. (...) “Em Macondo não aconteceu nada, nem está acontecendo nem acontecerá nunca. É um povoado feliz”. Assim consumaram o extermínio dos líderes sindicais. (MÁRQUEZ, 2003, p. 284).

Assim se obscurece para sempre a memória da resistência e a do massacre. Ninguém dá ouvidos a José Arcádio Segundo, considerando-o louco a ponto de que, anos depois, ninguém compreenda o que são os escombros do que um dia foi a multinacional e as residências dos americanos. Também ninguém saberá mais ter havido um coronel Aureliano e as muitas guerras travadas contra o regime conservador, ou que haja, em Macondo, então transformada em lugar de extrema miséria e abandono, existido uma família Buendía. Com a morte do último descendente, carregado pelas formigas, encerra-se a saga. Quem narra o massacre?

Não é aleatoriamente que me decido por colocar em destaque essa passagem do romance, certamente amplamente analisada pelos críticos de Gabriel García Márquez. Mais do que interpretá-la de um ponto de vista propriamente textual, proponho pensar nos mecanismos que entram em ação para a produção da memória oficial. Como diria EniOrlandi ao tratar do que ela denomina como “discurso fundador” (ORLANDI, 1993), não interessa a verdade dos fatos, mas a versão que ficou e que segue no presente significando o passado enquanto vai “empurrando” sentidos para o futuro. Não importa a “verdade”, mas o parecer verdadeiro, a verossimilhança, que se constrói por mecanismos diversos dos que controlam os meios de produção e circulação do dizer.

O episódio narrado pelo escritor colombiano reporta-se à greve dos trabalhadores da multinacional norte-americana *United Fruit Company*, em 1928. Conforme reportagem do jornal O Estado de São Paulo, tratando a respeito do conflito,

A pauta incluía aumento salarial e direitos sociais, como descanso semanal remunerado e contrato coletivo de trabalho. Na madrugada de 6 de dezembro de 1928, uma concentração de grevistas foi metralhada por militares. Pelo menos mil pessoas morreram, embora a maioria dos corpos tenha sumido. Uma contagem oficial apontou apenas nove mortos e três feridos. Outras admitiram até 20 vítimas fatais. A tradição oral aponta que a maioria dos cadáveres teria sido lançada ao mar. Também teriam ocorrido assassinatos de ativistas nas três semanas seguintes. (TOSTAS, 2015, s/p)³

3 Destacamos que o título da reportagem de Tostas emprega a expressão “massacre das bananeiras” ao reportar-se ao massacre dos trabalhadores da United FruitsCompany.

A correspondência entre governos colombiano e norte-americano corrobora a versão do massacre no romance, conforme lemos nos documentos tornados públicos por Wolf (2002). No arquivo *The Santa Marta Massacre*, observamos a prontidão do governo conservador em expressar sua mobilização contra a rebelião dos trabalhadores, a preocupação de comunicar a exiguidade do número de americanos feridos, a urgência de controlar os efeitos das notícias pela imprensa liberal (*El Tiempo, El Espectador*), mediante o uso da mídia conservadora (WOLF, 2002). Era necessário agir, matar os que ameaçavam os interesses da multinacional, mas também saber dizer, para controlar os efeitos das medidas tomadas pelo presidente colombiano, subserviente aos mandos da política imperialista:

I have been following Santa Marta fruit strike through United Fruit Company representative here; also through Minister of Foreign Affairs who on Saturday told me government would send additional troops and would arrest all strike leaders and transport them to prison at Cartagena; that government would give adequate protection to American interests involved. Telegram from Bogotá Embassy to Secretary of State, December 5, 1928. (WOLF, 2002, s/p)⁴

A literatura cumpre, assim, seu poder de contrapor-se aos efeitos do silenciamento e do esquecimento, ainda que sob a ótica da reinvenção e do dizer dos acontecimentos bem além do distanciamento pretensamente objetivo e imparcial dos relatos da história. Denuncia o entorpecimento ante o imprevisto do ataque que, após o espanto geral, converte-se na certeza da morte, as estratégias que se seguiram para garantir a continuidade do assassinato aos líderes dos trabalhadores, o esquecimento que recai sobre os cidadãos de Macondo⁵.

Interessa-me esse recorte do romance na medida em que, no Brasil contemporâneo e pós-golpe, temos reinstauradas as mesmas estratégias políticas e discursivas que prenunciaram o golpe militar de 1964 e alimentaram os anos de chumbo. De novo o segmento majoritário das igrejas se presta a legitimar os interesses do poder conservador. De novo encontramos o discurso da defesa da família e a ameaça comunista. Penso que os intelectuais nem sempre compreendem a gravidade da situação, lendo muitas vezes a encenação do engodo com humor ou lendo-o estupefatos como farsa. Mas o engodo funciona e persuade, ganha adesões e massacra. Alcança adeptos inusitados, como podemos ver nas pichações em louvor a Bolsonaro numa das paredes de um dos blocos de nossa universidade. O movimento da *Escola Sem Partido* consegue suprimir do ENEM o respeito aos direitos humanos e as manifestações de nazismo passam a ser toleradas em nome do discurso da “liberdade de expressão”. Professores são

4 Em tradução livre: “Tenho seguido a greve de frutas de Santa Marta através do representante da United Fruit Company aqui; também através do Ministro das Relações Exteriores, que no sábado me disse que o governo enviaria tropas adicionais e prenderia todos os líderes da greve e os transportaria para a prisão em Cartagena; que o governo daria proteção adequada aos interesses americanos envolvidos”.

5 Enquanto finalizávamos este artigo, tivemos notícia de um outro massacre, bem mais contemporâneo, na Colômbia, também atendendo aos interesses dos EUA. Trata-se do assassinato de 10 mil civis, entre os anos de 2002 e 2010 para “melhorar as estatísticas” e justificar a “ajuda militar estadunidense”. Cf. <http://confidencialcolombia.com/lo-mas-confidencial/ejercito-mato-a-10-000-civiles-para-mejorar-estadisticas-en-la-guerra-entre-2002-y-2010-the-guardian/>. Acesso em 17 mai. 2017.

denunciados por alunos como manipuladores ideológicos e grupos invadem aulas de história. A disciplina de história é reduzida nas matrizes curriculares, passando a não obrigatória no ensino médio, e as discussões mais amplas que se iniciavam com a Base Nacional Curricular Comum (BNCC) foram suprimidas para que se fortalecesse a perspectiva de formação de mão de obra para o mercado. Um popular cantor brasileiro de música sertaneja diz que não houve ditadura e, em vez de concluir que se trata de apenas mais um sujeito ignorante que faz uso da palavra, penso que há uma versão que vai ganhando espaço e tem sérias consequências para o destino da democracia no país. Em Xambioá (norte do Tocantins), o monumento em memória ao que se denominou como Guerrilha do Araguaia permanece fechado e inacessível por um matagal que o encobre, fenecendo sob as intempéries e tenho convicção de que nem os jovens estudantes xambioenses têm clareza sobre o que aconteceu há poucos anos em sua cidade. “É como se o mundo estivesse dando voltas” (MÁRQUEZ, 2003, p. 273), enquanto nessas voltas retrocedemos ao momento anterior às conquistas da classe trabalhadoras na primeira metade do século XX.

Considerações finais

Nessa direção, pensamos que *Cem anos de solidão* é atual como obra que nos faz compreender os percalços da democracia na América Latina. Nesse sentido, não se trata apenas de uma prazerosa entrega às peripécias da família Buendía, numa cidade fictícia situada hipoteticamente nos rincões da Colômbia.

O romance se imprime em nossa história de leitores pela linguagem, pela poesia, pela capacidade de reinvenção da literatura. Mas também porque ele nega a força do esquecimento, contrapondo-se como fundador de uma memória, de um sentido para nós. Em síntese, há muito de poesia nele e Márquez nos ensina que poesia também se presta à luta.

REFERÊNCIAS

BERTRAND, D. *Caminhos da semiótica literária*. Bauru, SP: EDUSC, 2003.

CALVINO, I. *Se um viajante numa noite de inverno*. Trad. Margarida Salomão. São Paulo: Círculo do Livro, 1986.

GREIMAS, A. J.; FONTANILLE, J. *Semiótica das paixões*. São Paulo: Ática, 1993.

LANDOWSKI, E. Regimes de espaço. *Galaxia (Online)*, n. 29, p. 10-27, jun. 2015.

_____. *As interações arriscadas*. Trad. Luiza Silva. São Paulo: Estação das Letras e Cores, CPS, 2014.

MÁRQUEZ, G. G. *Cem anos de solidão*. Trad. Eliane Zagury. Rio de Janeiro: O Globo; São Paulo: Folha de São Paulo, 2003.

SILVA, L. H. O. Memórias da guerrilha: acontecimento e história. In: MENDES, C. M.; LARA, G. M. P. (Orgs.). *Em torno do acontecimento: uma homenagem a Claude Zilberberg*. 1ed. Curitiba: Appris, 2016, v. 1, p. 141-162

ZILBERBERG, C. *Elementos de semiótica tensiva*. Trad. Ivã Carlos Lopes, Luiz Tatit, Waldir Beividas. São Paulo: Ateliê Editorial, 2011.

ORLANDI, E. P. Vão surgindo os sentidos. In: ORLANDI, E. P. (Org.) *Discurso fundador: a formação do país e a construção da identidade nacional*. 1. ed. Campinas, SP: Pontes, 1993, p. 11-25.

PIGLIA, R. *O último leitor*. Trad. Heloisa Jahn. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

TOSTA, W. 'Cem anos de solidão' retratou o massacre das bananeiras. Disponível em: <http://internacional.estadao.com.br/noticias/geral,massacre-das-bananeiras--de-1928--e-um-dos-episodios-retratados-no-livro--cem-anos-de-solidao,1781202>. Acesso em 17 mai. 2018.

WOLF, P. *The Santa Marta massacre*. Disponível em: <http://web.archive.org/web/20120717004708/http://www.icdc.com/~paulwolf/colombia/santamarta.htm>.

com/~paulwolf/colombia/santamarta.htm. Acesso em 17 mai. 2018.